

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016:
Fomos bem ou não?
Breve estudo de padrões nos
resultados olímpicos e suas
causas

Alexandre Guimarães

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: Fomos bem ou não? Breve estudo de padrões nos resultados olímpicos e suas causas

Alexandre Guimarães¹

¹ Consultor Legislativo do Senado Federal.

SENADO FEDERAL

DIRETORIA GERAL

Ilana Trombka – Diretora-Geral

SECRETARIA GERAL DA MESA

Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho – Secretário Geral

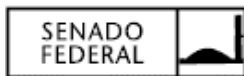
CONSULTORIA LEGISLATIVA

Danilo Augusto Barboza de Aguiar – Consultor-Geral

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS

Rafael Silveira e Silva – Coordenador

Núcleo de Estudos e Pesquisas
da Consultoria Legislativa



Conforme o Ato da Comissão Diretora nº 14, de 2013, compete ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Consultoria Legislativa elaborar análises e estudos técnicos, promover a publicação de textos para discussão contendo o resultado dos trabalhos, sem prejuízo de outras formas de divulgação, bem como executar e coordenar debates, seminários e eventos técnico-acadêmicos, de forma que todas essas competências, no âmbito do assessoramento legislativo, contribuam para a formulação, implementação e avaliação da legislação e das políticas públicas discutidas no Congresso Nacional.

Contato:

conlegestudos@senado.leg.br

URL: www.senado.leg.br/estudos

ISSN 1983-0645

O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial do Senado Federal.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Como citar este texto:

GUIMARÃES, A. S. **Jogos Olímpicos Rio 2016: Fomos bem ou não? Breve estudo de padrões nos resultados olímpicos e suas causas.** Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/ CONLEG/Senado, Agosto/2016 (Texto para Discussão nº 204). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acesso em 23 de agosto de 2016.

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: FOMOS BEM OU NÃO?

BREVE ESTUDO DE PADRÕES NOS RESULTADOS OLÍMPICOS E SUAS CAUSAS

Alexandre Guimarães¹

RESUMO

A análise de resultados olímpicos não se deve ater a um número maior ou menor de medalhas conquistadas. O presente estudo pretende verificar padrões dos resultados olímpicos e possíveis causas, examinando resultados dos países-sede desde 1988. Não se pode verificar o resultado de um país em Jogos Olímpicos tão somente pela análise da eficácia, eficiência ou efetividade de investimentos ou objetivos traçados. Há muito mais em jogo no esporte olímpico: legados esportivos, sociais, ambientais, urbanos e econômicos, quer sejam tangíveis ou intangíveis. O maior evento esportivo mundial deve ser observado na busca de padrões que auxiliem o desenvolvimento do esporte nas diferentes culturas.

PALAVRAS-CHAVE: esporte; Olimpismo; Jogos Olímpicos; legado olímpico; resultados olímpicos.

¹ Consultor Legislativo do Senado Federal.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS.....	3
3	O DESEMPENHO DOS PAÍSES-SEDE ENTRE 1984 E 2016	4
4	CONCLUSÕES.....	13
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

1 INTRODUÇÃO

Ao fim de cada Jogos Olímpicos sempre surge a pergunta: fomos bem ou não? Tranquilamente, pode-se responder tanto sim quanto não.

Veja-se o caso dos Jogos Rio 2016. Se, tão somente, observarmos números – 19 medalhas, sendo 7 medalhas de ouro, 6 de prata e 6 de bronze –, facilmente se responde: o Brasil foi muito bem, maior número de medalhas, maior número de ouros, melhor posição em qualquer tipo de *ranking*. Por outro lado, se examinarmos os objetivos propostos pelo Comitê Olímpico Brasileiro e pelo Ministério do Esporte – estar entre os dez primeiros medalhistas – ou se utilizarmos o cálculo de investimento por medalha obtida, a resposta é outra: não fomos tão bem. Fomos eficazes, mas não eficientes nem efetivos.

Em suma, resultado olímpico pode ser avaliado por diferentes ângulos: eficácia, eficiência e efetividade são três deles.

Entretanto, este texto pretende investigar a questão através de verificação de certos padrões e, assim, apresentar algumas conclusões sobre resultado olímpico.

De início, faz-se mister ressaltar que não se aprofundará o exame da questão dos investimentos em esporte no Brasil e no mundo, tópico que poderá ser examinado de forma transversal dentro da análise.

Para se entender o escopo deste trabalho dois conceitos são fundamentais: *esporte e Olimpismo*.

Por esporte, adota-se a definição ampla dada pela ONU (2003: p. v):

[...] “esporte” são todas as formas de atividade física que contribuem para aptidão física, bem-estar mental e interação social. Estas incluem o jogo; a recreação; o esporte organizado, casual ou competitivo; e os esportes ou jogos dos povos autóctones. (Trad. do autor.)²

² [...] “sport” are all forms of physical activity that contribute to physical fitness, mental well-being, and social interaction. These include play; recreation; organized, casual or competitive sport; and indigenous sports or games.

A Carta Olímpica (2015: p. 12) define Olimpismo em seus princípios fundamentais:

1. Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada qualidades do corpo, da vontade e da mente. Aliando o esporte à cultura e educação, o Olimpismo procura criar um modo de vida baseado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais.
2. O objetivo do Olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, com uma visão de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana. (Trad. do autor.)³

Dessarte, não se concluirá que este ou aquele país, ou melhor, Comitê Olímpico Nacional (CON) é mais bem colocado nos Jogos Olímpicos, pois esporte olímpico não se trata de competição entre países, mas do conagraçamento esportivo entre atletas do mundo inteiro, mormente, querendo sobrepujar a si próprios, não subjugar o concorrente.

Decerto, na história dos Jogos Olímpicos modernos, viu-se o desejo de certos países de se mostrarem como potências mundiais através do esporte: Berlim 1936, em que se pretendeu mostrar a superioridade da dita “raça ariana”, ou os jogos da Guerra Fria desde Helsinque 1952 a Seul 1988, nos quais Estados Unidos e União Soviética, ambos com seus grandes aliados, “batalhavam” numa luta entre capitalistas e comunistas.

Desde Barcelona 1992, os Jogos voltaram a ter maior ligação aos ideais do Barão de Coubertin. Bons exemplos são as delegações de atletas olímpicos independentes no Jogos de Sydney 2000, de Londres 2012 e do Rio 2016, compostas, respectivamente, por atletas do Timor-Leste, Antilhas Holandesas e Kuwait, devido a problemas em seus Comitês Olímpicos. Também, no Rio 2016, a delegação dos Atletas Olímpicos Refugiados reuniu esportistas da Etiópia,

³ 1. Olympism is a philosophy of life, exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind. Blending sport with culture and education, Olympism seeks to create a way of life based on the joy of effort, the educational value of good example, social responsibility and respect for universal fundamental ethical principles.

2. The goal of Olympism is to place sport at the service of the harmonious development of humankind, with a view to promoting a peaceful society concerned with the preservation of human dignity.

República Democrática do Congo, Síria e Sudão do Sul, asilados em outros países devido a motivos diversos: guerra, perseguição política ou religiosa, ou mesmo, fome.

Os Jogos Olímpicos, portanto, voltaram a ser um espetáculo esportivo, deixando de ser a competição pelo *status* de potência.

Por fim, para a análise feita neste texto, foi necessário reduzir o escopo de nações. Escolheu-se, então, os países-sede desde Seul 1988, quais sejam: Austrália, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Grécia, Japão, República da Coreia e República Popular da China.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS

Os Jogos Olímpicos modernos cresceram e tornaram-se eventos esportivos gigantescos nestes 120 anos.

Em Atenas 1896, o conceito de equipes nacionais não tinha importância: o Comitê Olímpico Internacional (COI) cita 241 atletas de 14 nações participantes, incluindo uma Equipe Mista (com atletas de países diferentes) que competiu no tênis; no entanto, muitos atletas competiram por países que não eram os seus de origem. No Rio 2016, foram 11.544 competidores de 207 delegações (205 países e as duas delegações específicas supracitadas).

Essa evolução fez com que o COI modificasse algumas regras da Carta Olímpica, através da Agenda 2020⁴, visando a limitar o número de participantes a 10.500 nos Jogos Olímpicos de Verão, com o máximo de 310 eventos, e a 2.900 nos de Inverno, com limite de 100 eventos (COI, 2015: p. 86).

Além de ser o maior evento esportivo do mundo, os Jogos Olímpicos reúnem os melhores atletas, visam à sustentabilidade e à busca de legados, lutam pelo banimento do *doping* do meio esportivo (por exemplo, a punição ao Comitê Olímpico da Federação da Rússia que foi impedido de competir em várias modalidades nos Jogos Rio 2016).

⁴ https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Olympic-Agenda-2020/Olympic-Agenda-2020-Context-and-Background.pdf#_ga=1.254770952.1296041937.1471127260

Em termos de legado, o COI divide-os em cinco categorias: esportivo, social, ambiental, urbano e econômico, que podem ser tangíveis (infraestrutura construída, desenvolvimento esportivo no País-sede, entre outros) ou intangíveis (por exemplo, aumento do orgulho nacional, aumento da consciência ambiental e social). Alguns desses legados, em especial os tangíveis, são mensurados facilmente; contudo, a maior parte não é passível de mensuração (COI, 2013: p. 9).

Não obstante os Jogos sempre deixarem legados, deve-se ter em mente que cabe aos países-sede torná-los duradouros. Neste trabalho, importa, primordialmente, o legado esportivo no que diz respeito ao resultado olímpico das nações participantes, que, em sentido lato, pode ser verificado pela análise das medalhas obtidas. Utiliza-se como período de análise os jogos pós-Los Angeles 1984, visto que os Jogos desse ano, com o boicote da União Soviética e de vários países comunistas, não nos daria um parâmetro correto. Utilizam-se os dados destes Jogos apenas para verificar a performance da República da Coreia antes de sediar seus Jogos.

3 O DESEMPENHO DOS PAÍSES-SEDE ENTRE 1984 E 2016

Cabe, de início, apresentar o Quadro I abaixo, com a evolução de medalhas dos país-sede no período de 1984 a 2016. De sua observação, pode-se partir para vários pontos relevantes ao estudo.

Utiliza-se o critério de total de medalhas, adotado pelo COI, em detrimento do critério de tipo de medalhas. Este tornou-se relevante tão somente desde os Jogos do período da Guerra Fria na busca de alguns países por serem maiores “potências” – termo ainda utilizado, em especial, em espaços midiáticos mas sem sentido no mundo do esporte olímpico moderno. Neste ponto, vale lembrar, os Estados Unidos, que sempre valorizaram esse critério, após Pequim 2008, ao perderem em número de medalhas de ouro para a China, mas ganharem no total de medalhas, voltaram a ressaltar o ideal olímpico de que todas as medalhas têm o mesmo valor esportivo.

A observação do Quadro I mostra alguns pontos relevantes ao estudo.

Quadro I – Total de medalhas dos Países-Sede entre 1984 e 2016*

JOGOS	1984	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016
AUSTRÁLIA	24	14	27	41	58	50	46	35	29
BRASIL	8	6	3	15	12	10	16	17	19
CHINA, R. P.	32	28	54	50	58	63	100	65	70
COREIA, REP.	19	33	29	27	28	30	31	28	21
ESPANHA	5	4	22	17	11	20	18	17	17
EUA	174	94	108	101	93	101	110	103	121
GRÃ-BRETANHA	37	24	20	15	28	30	47	65	67
GRÉCIA	2	1	2	8	13	16	4	2	6
JAPÃO	32	14	22	14	18	37	25	38	41

Fonte: COI.

* Em negrito, o número de medalhas conquistadas em Jogos Olímpicos que sediaram.

Primeiramente, à exceção dos Estados Unidos – sempre um dos países a mais ganhar medalhas nos Jogos desde Atenas 1896 –, há um pico de medalhas nos Jogos sediados, o chamado “efeito País-Sede”. Três fatores, em geral, são apontados para esse aumento de medalhas: o maior investimento no esporte no período pré-olímpico; a possibilidade de participar de todas as modalidades, dentro dos limites estabelecidos por cada uma das federações internacionais; e o chamado “orgulho nacional”, já citado entre os legados intangíveis.

Verifica-se, também, que há um aumento no número de medalhas nos Jogos anteriores aos que os países sediaram. Como o processo de candidatura das cidades-sede ocorre num período de nove anos de antecedência, e a escolha sete anos antes, o investimento no esporte aumenta, tendendo a crescer também o número de medalhas.

No entanto, os dois aumentos citados ocorrem de modo diverso nos países, ou seja, alguns países aproveitam mais a oportunidade olímpica do que outros, investindo melhor em atletas das diversas modalidades.

Um terceiro ponto a ser notado é a queda do número de medalhas nos Jogos que se seguem, em maior ou menor grau, exceção à Grã-Bretanha, caso que será tratado mais adiante. Isso ocorre, em geral, pela diminuição dos recursos investidos e pela falta de investimento anterior na procura e formação de talentos esportivos, chamado efeito “pós-Jogos”.

Para uma visão melhor do que representa esse total de medalhas, apresenta-se o Quadro II, com a percentagem de medalhas em relação ao total. Ele permite uma observação mais real da variação tratada, visto que há variação do número de eventos nos Jogos.

Quadro II – Proporção de medalhas obtidas pelos Países-Sede em relação ao total, entre 1984 e 2016 (em %)*

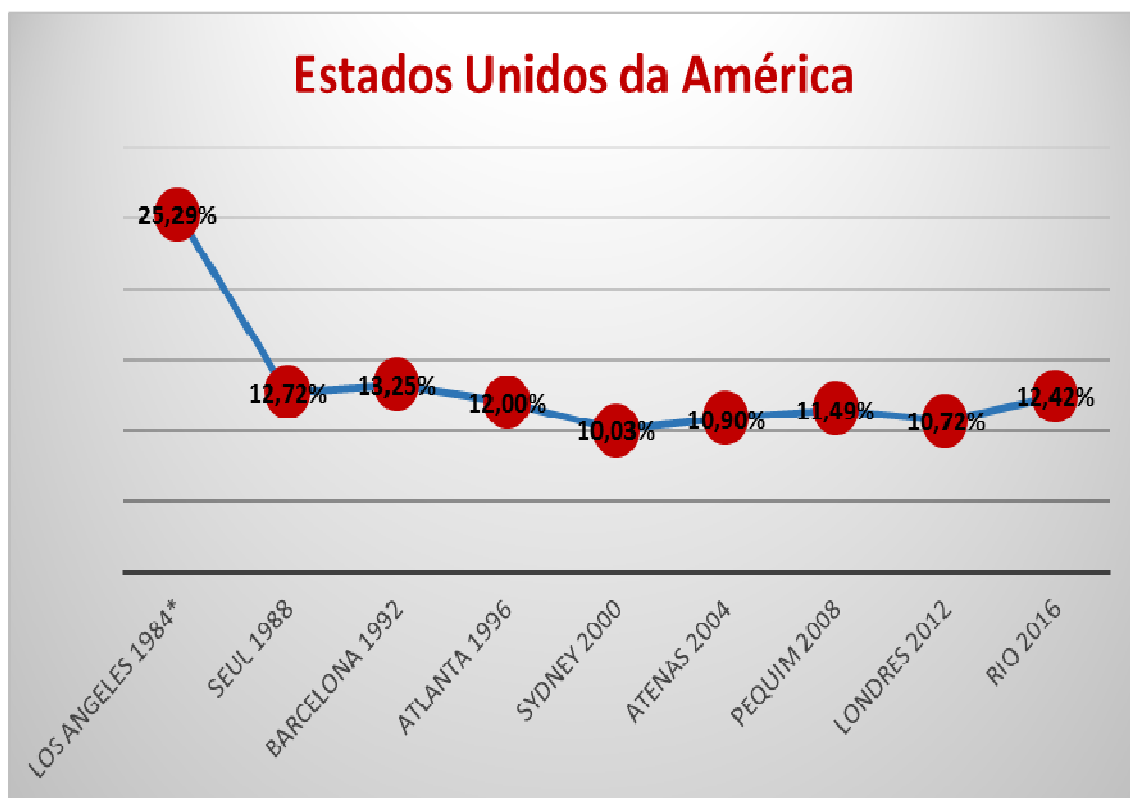
JOGOS	1984	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016
AUSTRÁLIA	3,49	1,89	3,31	4,87	6,26	5,39	4,81	3,64	2,98
BRASIL	1,16	0,81	0,37	1,78	1,29	1,08	1,67	1,77	1,95
CHINA, R. P.	4,65	3,79	6,63	5,94	6,26	6,80	10,45	6,76	7,19
COREIA, REP.	2,76	4,47	3,56	3,21	3,02	3,24	3,24	2,91	2,16
ESPANHA	0,73	0,54	2,70	2,02	1,19	2,16	1,88	1,77	1,75
EUA	25,29	12,72	13,25	12,00	10,03	10,90	11,49	10,72	12,42
GRÃ-BRETANHA	5,38	3,25	2,45	1,78	3,02	3,24	4,91	6,76	6,88
GRÉCIA	0,29	0,14	0,25	0,95	1,40	1,73	0,42	0,21	0,62
JAPÃO	4,65	1,89	2,70	1,66	1,94	3,99	2,61	3,95	4,21

Fonte: COI. * Em negrito, a percentagem de número de medalhas conquistadas em Jogos Olímpicos que sediaram.

Como se expôs, pelas porcentagens, há a correção de distorções que não seriam facilmente observadas. Por exemplo, apesar do maior número de medalhas dos Estados Unidos nos Jogos Rio 2016 – 121 medalhas, o maior número desde Los Angeles 1984 –, proporcionalmente o número é menor do que o obtido em Seul 1988 e Barcelona 1992.

Quanto aos Estados Unidos da América, verifica-se constância na proporção de medalhas, melhor visualizada na Gráfico I abaixo.

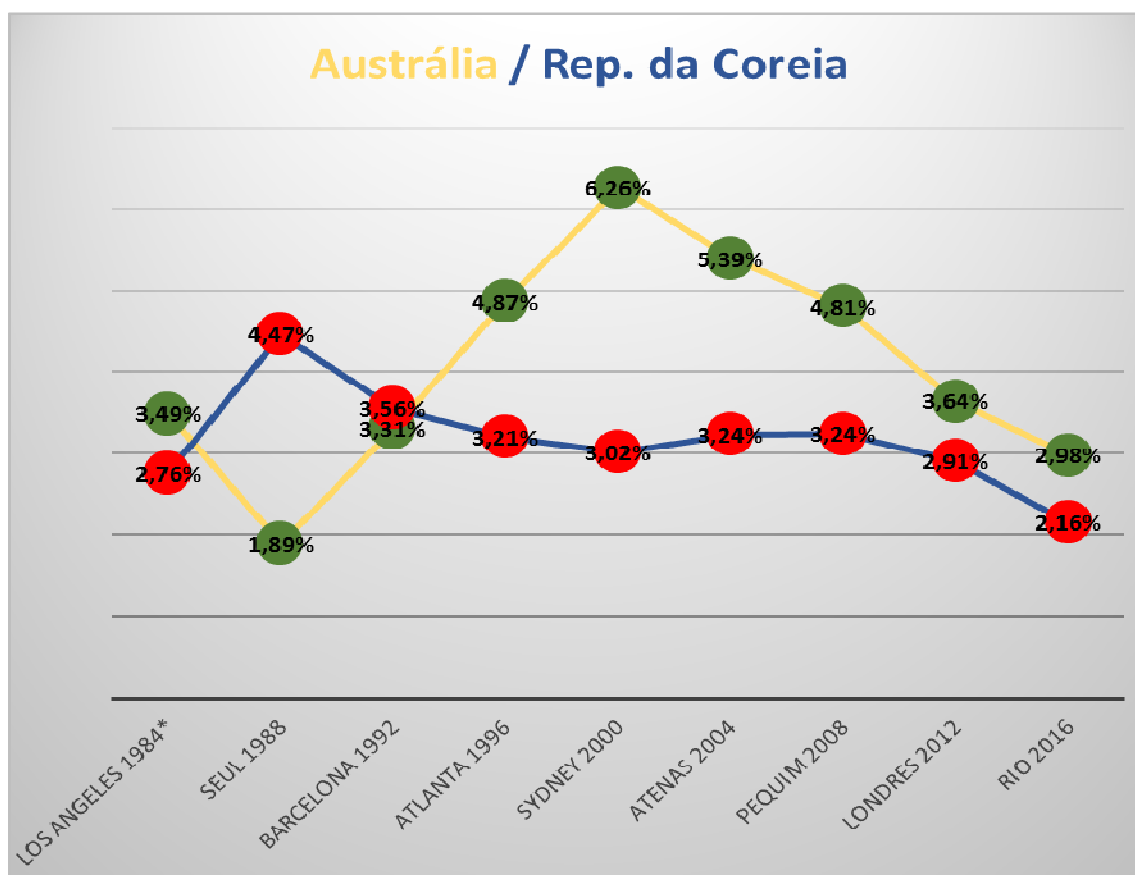
Gráfico I – Proporção de medalhas obtidas pelos EUA (1984-2016)



A variação de medalhas dos Estados Unidos difere muito da dos demais países, entre outros fatores, pelo forte investimento no esporte, presente na cultura estadunidense desde a formação esportiva escolar, no esporte de base, até o esporte de alto rendimento. Soma-se a isso, a forte tradição olímpica.

Devido à diferença entre os demais países em exame, optou-se por tratá-los em pares, por critérios que permitam observar melhor aspectos como: o investimento esportivo, a tradição olímpica, o número de atletas participantes em suas delegações. Os gráficos seguintes vão demonstrar alguns padrões relevantes ao estudo.

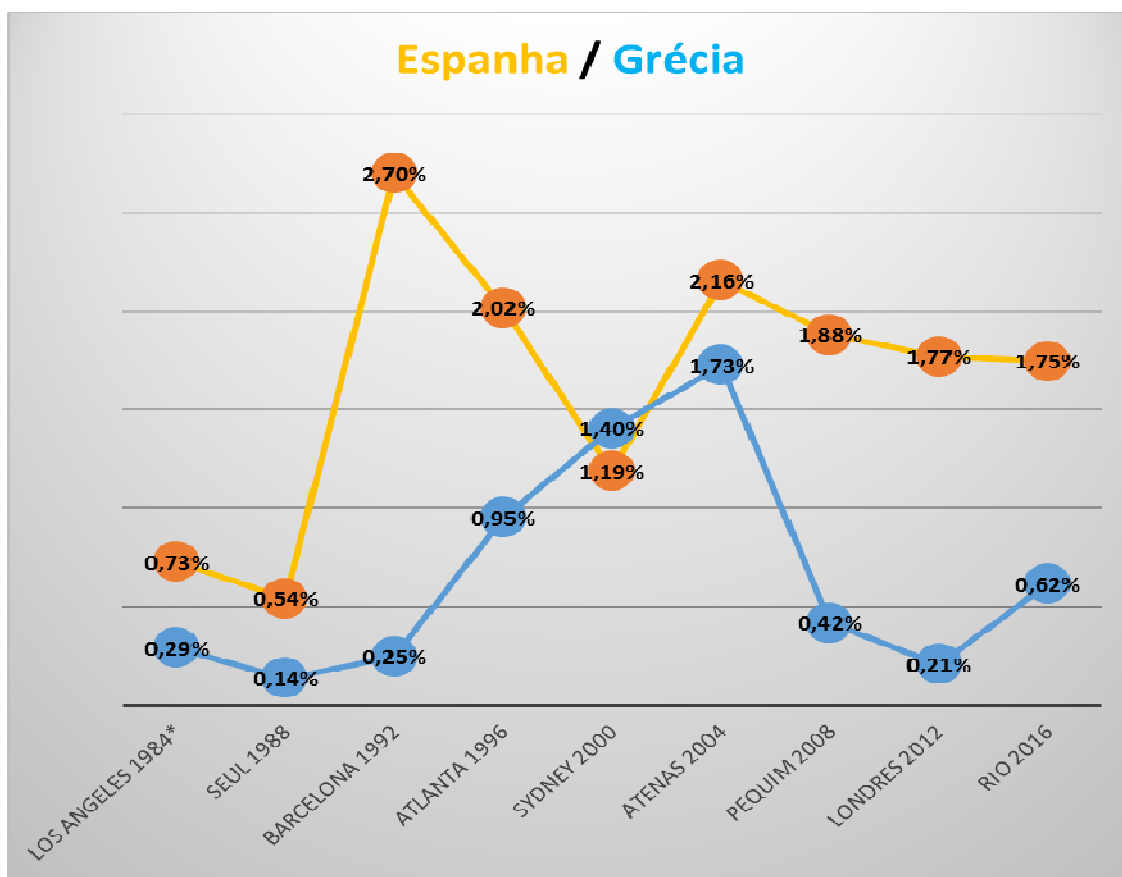
Gráfico II – Proporção de medalhas obtidas pela Austrália e pela República da Coreia (1984-2016)



Austrália e República da Coreia são, do ponto de vista olímpico, países com características semelhantes. Investimentos altos no esporte e, em geral, direcionados às modalidades que têm mais chances de medalhas. Além disso, a boa estrutura de base permite uma renovação contínua dos esportistas entre gerações. Da visão da Gráfico II, observam-se os picos em seus Jogos, após uma forte ascensão pré-Jogos.

Além disso, notável é a queda do número de medalhas até a estabilização próxima aos níveis anteriores à preparação pré-olímpica. Ressalte-se que, devido ao número de CONs participantes ter quase dobrado e as nações que se desenvolveram no esporte – como, por exemplo, o nosso País –, poucos são os países que mantêm as mesmas proporções de antes da década de 1990.

Gráfico III – Proporção de medalhas obtidas pela Espanha e pela Grécia (1984-2016)



Espanha e Grécia são bons exemplos de países que viram o sucesso de seus Jogos, mas, pela diminuição do investimento posterior, viram cair sua performance olímpica.

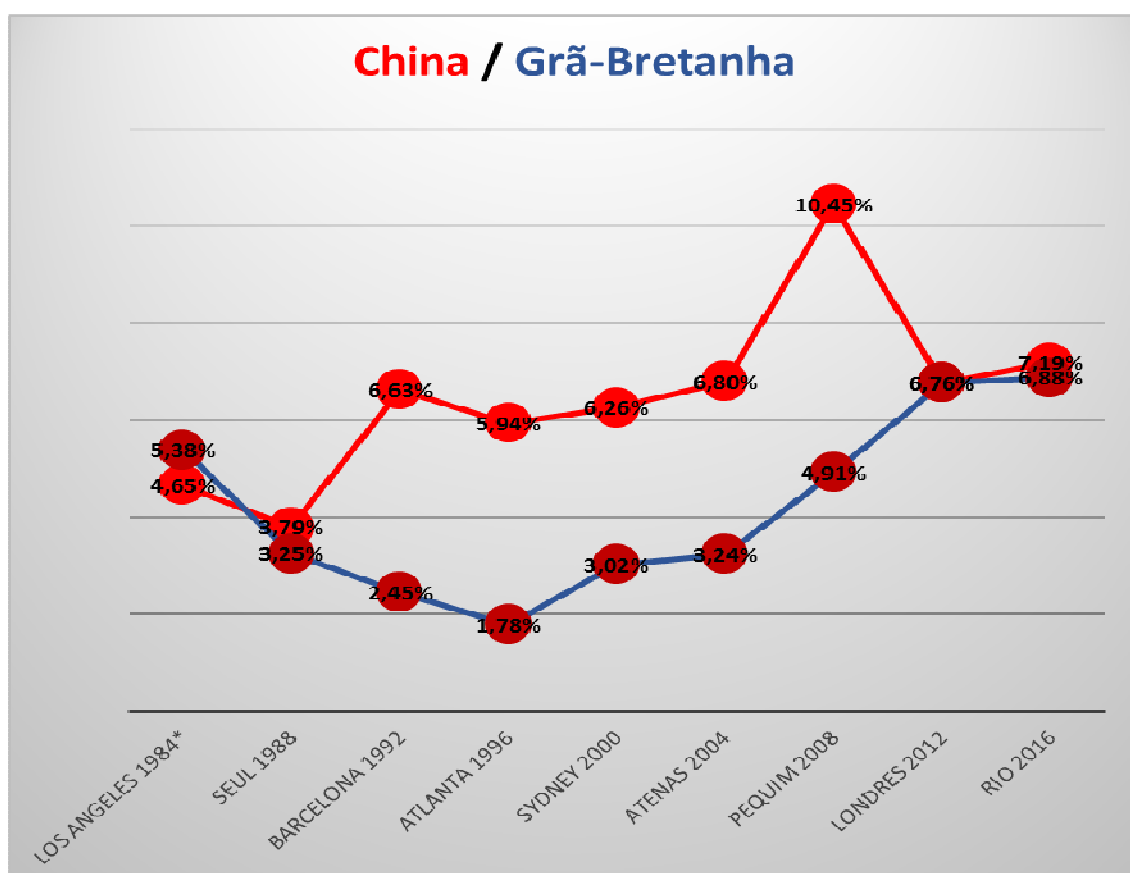
No caso espanhol, desde 2004, houve uma melhora em seu desempenho, voltando a uma média de quase 2% das medalhas, devido a novas políticas de investimento esportivo implantadas, com maior aporte de recursos ao *Programa Asociación Deportes Olímpicos* (Plan ADO), criado para Barcelona 1992, que apoia o desenvolvimento e a promoção dos esportistas de alto rendimento de modalidades olímpicas.

Os gregos, mesmo com toda sua tradição, participaram de todas as edições, mas ganharam apenas 33 ouros, sendo que 10 medalhas em 1896 e 6 em 2004, sendo, portanto, considerado, tradicionalmente, coadjuvante importante, o berço dos Jogos Olímpicos.

A situação é pior, pois, em sua crise econômica há quase uma década de forma mais forte, há pouco dinheiro para diversas áreas, incluindo o esporte.

No Rio 2016, dependeram da conquista de medalhas por talentos olímpicos individuais, de reconhecimento mundial, como: Anna Korakaki, campeão mundial em provas de Pistola e Pistola de ar, do Tiro Esportivo, que trouxe um ouro e um bronze, ou Eleftherios Petrounias, campeão mundial e bicampeão europeu na prova das Argolas, da Ginástica Artística, superando o brasileiro Arthur Zanetti, campeão olímpico em Londres 2012. Situação semelhante à do Brasil, antes do incremento de investimentos em esporte a partir de 2004.

Gráfico IV – Proporção de medalhas obtidas pela Grã-Bretanha e pela República Popular da China (1984-2016)



Duas das “potências” olímpicas tradicionais, Grã-Bretanha e República Popular da China vivem, há anos, momentos esportivos diferentes.

No caso chinês, o governo passou a investir seriamente em esporte a partir de 1992, fazendo um investimento massivo para os Jogos Pequim 2008. E teve resultados incríveis: 51 medalhas de ouro contra 36 dos Estados Unidos. No entanto, apesar de serem ainda uma grande força olímpica, oito anos depois, tiveram menos da metade das medalhas de ouro, 26, perdendo a sua segunda colocação por ouros para a Grã-

Bretanha, possivelmente, pela diminuição do investimento no esporte. No Rio, modalidades que tradicionalmente traziam várias medalhas à China não tiveram o mesmo resultado. Por exemplo: no badminton, das 15 medalhas em disputa, oito foram para esportistas chineses em Londres; no Rio, foram apenas três; nas modalidades da ginástica, de 12 medalhas em Londres caíram para cinco (nenhuma de ouro) em 2016.

Os britânicos, em sentido oposto, depois do fracasso em Atlanta 1996, em que apenas ganharam uma medalha de ouro e 15 medalhas no total, repensaram os investimentos no esporte nacional.

A primeira providência foi buscar uma fonte exclusiva para o esporte, criando a *National Lottery*. Em seguida, reformaram a estrutura governamental do esporte: sob o *Department for Culture, Media & Sport*, duas entidades públicas independentes cuidam de diferentes modalidades do esporte: a *UK Sport*, específica para o esporte de alto rendimento e busca e promoção de talentos esportivos; e a *Sport England*, promotora do esporte e da atividade física em geral, seja na formação escolar, seja no esporte recreativo, seja no desenvolvimento da educação física e da ginástica para pessoas todas idades. Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales têm, também, agências semelhantes para o esporte em geral nos seus territórios.

A candidatura de Londres para 2012 também trouxe grandes investimentos a todas as modalidades olímpicas. O que surpreendeu foi, após quatro anos dos próprios Jogos, o número de medalhas subiu de 65 para 67.

A explicação é relativamente simples. Além das transformações já citadas, as decisões de investimentos esportivos no Reino Unido são feitas para períodos de oito anos, cobrindo duas Olimpíadas. A pequena parte da *National Lottery* que é destinada à *UK Sport* (entre 2016 e 2019, £ 27 milhões) são repassados a atletas, neste caso, pelo *Athlete Performance Award* (APA). Um atleta de alto nível pode chegar a ganhar £ 65.000 por ano, para dedicação exclusiva ao treinamento.

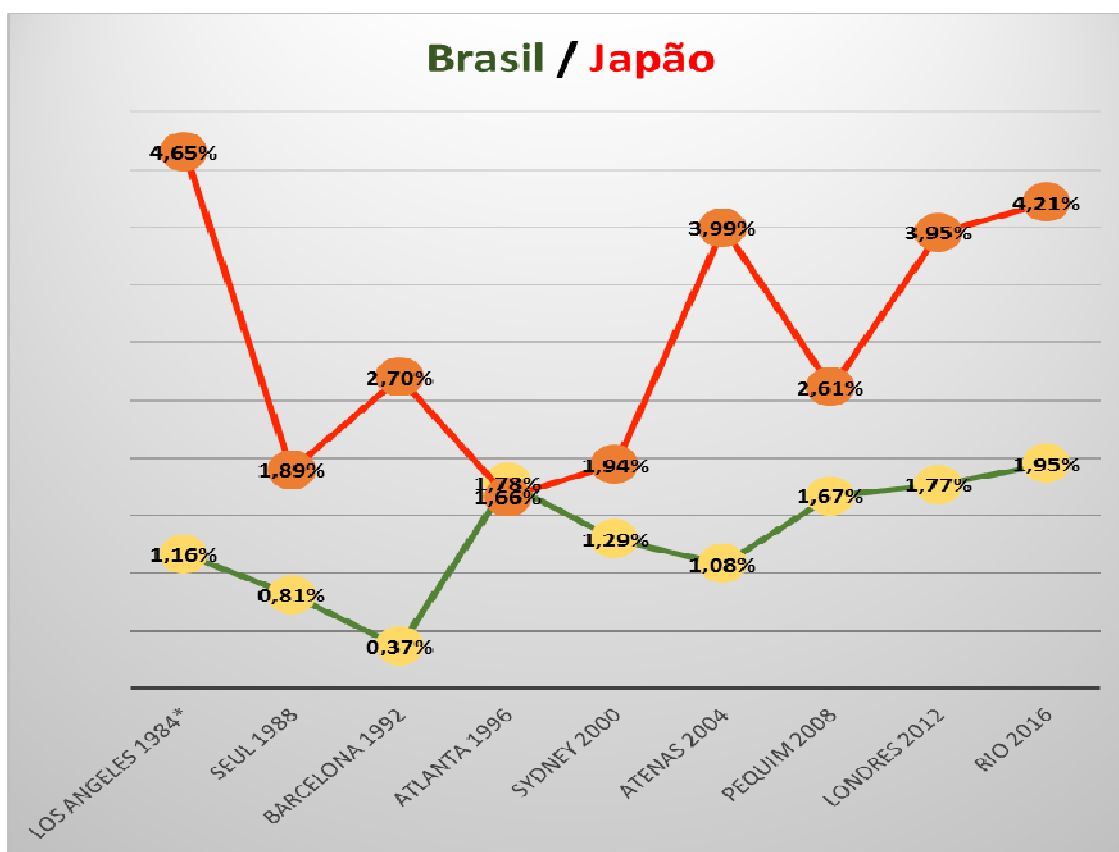
Após cada ciclo olímpico são verificados os investimentos e traçadas novas metas e o redirecionamento do investimento no esporte britânico. Por exemplo, depois de Londres 2012, houve apenas o redirecionamento de investimentos esportivos: modalidades mais tradicionais aos britânicos e com maior número de medalhas receberam mais investimento (ciclismo, remo, atletismo e natação, por exemplo). Por outro lado, reduziu-se ou cortou-se recursos de alguns esportes sem força ou que

conquistam menos medalhas para aquele país, em especial os coletivos de baixo resultado esportivo (badminton, futebol, basquete, voleibol, entre outros).

Ademais, há um sério programa de descoberta de talentos olímpicos, *#DiscoverYourGold*. Esses atletas passam a participar de programas de talentos, com investimento das federações e do governo federal, além da *UK Sport* e do *English Institute of Sport*. O programa visa a jovens entre 15 e 24 anos (conforme critérios das 20 modalidades atendidas), que passam a ser observados, acompanhados e incluídos, se assim forem, no APA.

Críticos britânicos chegam a chamar o critério de investimento esportivo – em especial, pela seletividade de modalidades – cruel e eficiente; ao que o governo sempre responde que é uma questão de escolhas racionais que trazem eficiência, eficácia e efetividade ao esporte.

Gráfico V – Proporção de medalhas obtidas pelo Brasil e pelo Japão (1984-2016)



Países com diferentes tradições olímpicas e diferentes culturas esportivas, Brasil e Japão são postos no mesmo gráfico para se apresentar um outro ponto fundamental, o crescimento de medalhas pré-olímpico.

A variação de medalhas japonesas é proporcional ao apoio governamental e privado aos esportes. No entanto, desde 2008, a perspectiva é somente de crescimento. Verifica-se quase dobrar o percentual de medalhas em oito anos, como efeito dos investimentos pré-olímpicos, como já se apontou anteriormente. Seguindo o efeito “País-Sede”, o Japão chegará a Tóquio 2020 entre os três ou quatro maiores ganhadores de medalhas.

O incremento de medalhas brasileiras tem ocorrido desde 2004, de forma bem menor. Esse aumento coincide com o crescimento de investimentos no esporte, devido aos eventos que o país sediaria: Jogos Pan-americanos 2007, Copa do Mundo 2014 e Jogos Rio 2016, entre eles.

Infelizmente, não se observou um investimento na formação e no esporte de base na mesma proporção que o feito no alto rendimento, o que não nos permite afirmar que esse incremento de medalhas continuará. A tendência é seguir os vários exemplos citados, excetuando-se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

É necessário, pois, que o Brasil se atenha aos ditames constitucionais para que possa crescer de forma contínua no esporte:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

.....

II – a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

..... (Negrito nosso.)

De qualquer forma, mesmo que, pouco a pouco, o crescimento de medalhas de nosso País nos últimos Jogos e a realização de vários eventos esportivos têm sido o maior fator de formação de novos esportistas e de surgimento de talentos em modalidades nas quais o Brasil nunca teve tradição.

4 CONCLUSÕES

Desta diferente perspectiva de análise, que não visava a determinar maiores ou piores resultados esportivos, mas descobrir possíveis padrões para esses resultados, tem-se algumas conclusões:

1. O efeito “País-Sede” é real em todos os casos: mesmo países com poucos investimentos e medalhas, como a Grécia, crescem em resultados em Jogos que sediam.
2. Os investimentos pré-olímpicos fazem o número de medalhas crescerem paulatinamente nos Jogos anteriores; contudo, o crescimento é proporcional ao incremento de investimentos, como nos casos australiano e japonês.
3. A diminuição de medalhas após se sediar Jogos (efeito “pós-Jogos”) só é contornada quando, como no caso britânico, o planejamento é de médio e longo prazo.
4. Sem investimento contínuo na formação esportiva e no esporte de base, a tendência a longo prazo é voltar aos patamares de medalhas antigos, pois não há a renovação de esportistas necessária, como nos casos australiano, chinês e sul-coreano, em especial.
5. Menor aporte de recursos no esporte implica em menor resultado olímpico, como se observou na Espanha, por alguns anos, na China pós-Pequim, e na Grécia, tradicionalmente.
6. Maior aporte de recursos no esporte não implica em maior resultado esportivo, somente quando acompanhado de políticas públicas bem traçadas, comparar o aumento de investimentos brasileiros proporcionalmente ao aumento de medalhas com os contínuos resultados dos Estados Unidos ou com a melhoria de resultado no caso britânico pós-Londres.

Ademais, reafirma-se que o resultado olímpico está além de dados tangíveis, mensuráveis economicamente. Um dos notórios fracassos econômicos foram os Jogos Montreal 1976; no entanto, o Canadá, por tradição esportiva e contínuo investimento no esporte, aproveitou-se de outros legados, como o esportivo, que o fez manter-se sempre num mesmo patamar de medalhas durante anos, e, em especial, superar-se e ser o maior ganhador de ouros nos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver 2010.

A busca de esporte como “potência” só trouxe três consequências históricas: a rivalidade esportiva de caráter nocivo e contrário ao Olimpismo; o fim de várias ex-“potências” com o fim dos investimentos massivos da Guerra Fria; e a revelação de esquemas de doping, inclusive como “política pública” bancada pelo Estado.

Por fim, destaca-se que é pelo esporte que muitas mudanças educacionais, sociais, econômicas e culturais ocorrem. E o maior catalizador dos possíveis avanços

decorrentes do esporte são os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, não importando onde aconteçam: para isso, os países-sede e as cidades-sede devem aproveitar os legados que forem deixados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IOC. **Olympic Charter: in force as from 2 August 2015**. Lausanne: International Olympic Committee, 2015. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf

IOC. **Olympic Legacy**. Lausanne: International Olympic Committee, 2013. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Olympism_in_action/Legacy/2013_Booklet_Legacy.pdf.

UNO. **Sport for Development and Peace: towards achieving the Millenium Development Goals (Report from the United Nations Inter-Agency Task Force on Sport for Development and Peace)**. New York: United Nations. 2003. Disponível em: http://www.un.org/wcm/webdav/site/sport/shared/sport/pdfs/Reports/2003_interagency_report_ENGLISH.pdf.

Missão da Consultoria Legislativa

Prestar consultoria e assessoramento especializados ao Senado Federal e ao Congresso Nacional, com o objetivo de contribuir com o aprimoramento da atividade legislativa e parlamentar, em benefício da sociedade brasileira.



Núcleo de Estudos
e Pesquisas

Consultoria
Legislativa

